

# ALTERIDADE E RESPONSABILIDADE ÉTICA: Uma análise filosófica sobre a negação do outro segundo Enrique Dussel e Hannah Arendt<sup>1</sup>

ALTERITY AND ETHICAL RESPONSIBILITY: A philosophical analysis of the negation of  
the other according to Enrique Dussel and Hannah Arendt

Antônio Gilberto Balbino<sup>2</sup>

Luiz Paulo Reis Lopes<sup>3</sup>

Samuel Medeiros Silva<sup>4</sup>

**Resumo:** Objetiva-se, neste artigo, discutir a relação entre o *ego* cartesiano, a negação do outro e as consequências desses processos, particularmente no século XX, dialogando com a filosofia de Enrique Dussel e de Hannah Arendt. É imperioso refletir o surgimento do pensamento de exclusão do Outro e o fechamento do sujeito em si mesmo, desse modo, os contextos da Segunda Guerra Mundial, apresentam-se oportunos para compreender a negação do Outro. Reflete também o papel da linguagem, da propaganda e da ideologia durante regimes totalitários, como o nazismo, onde tais instrumentos foram utilizados para propagar ideias racistas e justificar a exclusão e perseguição a grupos específicos. A falta de escuta e o não reconhecimento do outro levam à exclusão, preterindo a importância de estabelecer uma verdadeira relação de empatia. A análise enfatiza a necessidade de reconhecer a condição humana do próximo, transcender preconceitos e estereótipos e promover uma compreensão mais profunda e respeitosa do Outro.

**Palavras-chave:** Alteridade. Negação. Outro.

**Abstract:** The aim of this article is to discuss the relationship between the cartesian *ego*, the denial of the other and the consequences of these processes, particularly in the 20th century, dialoguing with the philosophy of Enrique Dussel and Hannah Arendt. It is imperative to reflect the emergence of the thought of excluding the Other and the closure of the subject in itself, thus, the contexts of the Second World War. They are opportune to understand the denial of the Other. It also reflects the role of language, propaganda and ideology during totalitarian regimes, such as Nazism, where such instruments were used to propagate racist ideas and justify the exclusion and persecution of specific groups. The lack of listening and failure to recognize others leads to exclusion, neglecting the importance of establishing a true relationship of empathy. The analysis emphasizes the need to recognize the human condition of others, transcend prejudices and stereotypes and promote a deeper and more respectful understanding of the Other.

**Keywords:** Otherness. Denial. Other.

---

<sup>1</sup> Artigo recebido em 20 out. 2023 e aprovado para publicação em 14 dez. 2023. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.10736372>.

<sup>2</sup> Doutor em Educação pela Universidade São Francisco (SP); docente na Faculdade Católica de Pouso Alegre (MG); e-mail: [agbalbino1313@gmail.com](mailto:agbalbino1313@gmail.com).

<sup>3</sup> Bacharel em Filosofia pela Faculdade Católica de Pouso Alegre (MG); e-mail: [lopes.lp@protonmail.com](mailto:lopes.lp@protonmail.com).

<sup>4</sup> Licenciado em Filosofia pelo Centro Universitário Claretiano (SP); e-mail: [samuel.meedeiros@gmail.com](mailto:samuel.meedeiros@gmail.com).

## Introdução

O texto destaca como o *ego* cartesiano, que se torna *ego conquiro* (pensamento de conquista do outro) na cultura moderna-capitalista, tende a ignorar o outro como alguém inferior (Dussel, 1993, p. 76-77). No contexto do nazismo, essa negação atingiu seu ápice com as “leis de Nuremberg”<sup>5</sup>, de caráter antissemita, levando à perseguição e extermínio em massa de judeus e outras minorias.

O *cogito ergo sum* – penso, logo existo, nos levanta uma questão: penso em quem? A resposta revela que, muitas vezes, o Eu está centrado em si, ignorando o Outro. A filosofia de Enrique Dussel e Hannah Arendt ajuda a explicar essa negação do outro na proximidade de se fechar na totalidade de si, ignorando a humanidade do próximo.

O artigo menciona como os líderes totalitários, muitas vezes, usam discursos populistas direcionados às emoções das massas. No nazismo, figuras como Joseph Goebbels usaram a propaganda para difundir ideias racistas e justificar a perseguição e a exclusão de grupos específicos. A ideia de que os indivíduos estavam presos em seu próprio pensamento e que a obediência era uma virtude é discutida no texto, possibilitando o que Hannah Arendt (1999, p. 32) chamou de *banalidade do mal*, quando destaca como os perpetradores do Holocausto, como Adolf Eichmann, alegaram que estavam apenas cumprindo ordens e não eram responsáveis por suas ações – como também, Enrique Dussel denomina de *colonialidade do ser*: imposição de padrões e normas para àqueles que possuem um *modus vivendi* diferente (Dussel, Dussel, 1993, p. 102).

A análise explora como a falta da escuta e o não reconhecimento da voz do outro levam à exclusão. A compreensão do outro exige transcender o próprio *ego*, estabelecendo uma verdadeira relação de empatia. O *eu desejo* é mencionado como uma dimensão crucial que vai além do *eu penso*, e a falta de empatia é destacada como um dos principais problemas que leva à exclusão do próximo.

Enrique Dussel e Hannah Arendt enfatizaram a importância de reconhecer a condição humana do outro. Dussel, ao propor uma perspectiva decolonial, busca ver o próximo como alguém com dignidade e potencial, superando a visão de inferioridade. Arendt, em seu conceito de *banalidade do mal*, questiona a falta de reflexão crítica que leva à desumanização do outro.

---

<sup>5</sup> Aprovadas em setembro de 1935, relacionadas a miscigenação e a cidadania alemã.

Portanto, ambos os pensadores defendem a necessidade de superar preconceitos e estereótipos em relação ao semelhante. Argumentam que é essencial transcender às concepções do Eu, e fazer um esforço real para entender a perspectiva e a humanidade do Outro, a fim de evitar a violência e a exclusão.

### A crítica dusseliana sobre o “mito da modernidade”

A crítica feita por Dussel ao “Mito da Modernidade”, falsa ideia de superioridade de uma cultura sobre a outra – que esconde o individualismo e o elitismo do Eu que nega o Outro – está atrelada à concepção de colonialidade do ser, pois, o Eu não compreende o Outro (não-Ser) como alguém *ad’veniente*, que pode vir-a-Ser. Desse modo, o próximo é negado não por uma condição ôntica, mas pela máscara do *ego*. A compreensão “decolonial” é utilizada, por Dussel, para perceber a alteridade: o Outro é aceito quando o Eu reconhece o próximo como alguém distinto, não algo diferente (Dussel, 1993, p. 78-79). Sendo assim, a totalização do *ego* corresponde à passagem do eu penso para o eu domino e, também, à vontade de poder como efetivação concreta do pensar em si atrelado ao *ego* capitalista.

A expressão do *cogito ergo sum*<sup>6</sup> de René Descartes, resume essa concepção. Dussel, através do enunciado “penso, logo existo”, pergunta: penso em quem? A resposta encontra-se no eu: “penso no meu eu, portanto, existo para mim!”, mas e o outro? O *Ego* pensa em si, logo o Outro não existe, ou seja, não-é, pois, mesmo que saiba da sua existência, a nego. Utiliza os conceitos de ser e de não-ser de Parmênides de Eléia para explicar como ocorre essa negação. Estando o Outro ignorado, o Eu ocupa-se de pensar em si, mesmo que esse saiba da existência de alguém próximo, ocorre-se a negação e exclusão, não importo com ele, não-é nada (Dussel, 1995, p.122-124).

É atribuída a Parmênides de Eléia a expressão “o ser é, e o não ser não é”. Portanto, todo aquele que não se enquadra na categoria de “ser”, é percebido como a negação do ser. Esta é a ontologia parmenídica de “o ser é e o não-ser [barbárie] não é”, e que vem fundar a conquista de novos reinos nascidos “além da ética”: são âmbitos onde não há moral; ou seja, são imorais por seu fundamento (Oliveira, 2009, p. 92).

---

<sup>6</sup> O princípio cartesiano “penso, logo existo” (em latim: *cogito, ergo sum*) remete a ideia de dualidade. Que, nesse trabalho, está evidenciada na “distinção” eurocêntrica entre *ego* (Eu) e *alter* (Outro) (Enrique Dussel, *Introducción a la Filosofía de la Liberación*, p. 122-124).

O *ego* cartesiano fecha-se na Totalidade<sup>7</sup> e esquece de que para além do Eu existe alguém que possui carnalidade, que sente dores, passa frio e fome (Dussel, 1977c, p.103). O homem moderno-europeu pode ser definido através do *ego*. No medievo, esse Eu se afirmava como transcendência na relação teológica e na modernidade ocorre o contrário: a experiência atea do homem que se prende ao *ego* o transforma em *ego conquiro*, Eu conquisto (Dussel, 1977a, p.262). O *ego* da cultura moderna-capitalista, expresso por Descartes, esquece a dignidade<sup>8</sup> da carne, compreende a insensibilidade como dor e a “pele” como lugar do frio e tortura. A moral dominante nega o corpo para oprimi-la sem culpabilidade. A ética da libertação preza a carne e afirma a fé na sua ressurreição, mobilizando a *práxis* para dar alimento ao faminto e os instrumentos para o trabalho do pobre. No pensamento medieval, o *ego* afirmava-se como uma transcendência numa relação teológica<sup>9</sup>, mas, desaparecendo o Deus “medieval” como experiência atea do homem moderno europeu, o *ego* fica sozinho e diz: “Eu conquisto” (Dussel, 1986, p.82).

O homem moderno em expansão, é um sujeito que se totaliza, que nega a alteridade antropológica e absoluta, ateíza-se do Deus alterativo e por isso se diviniza a si: o *ego* de Espinosa ou a Subjetividade absoluta de Hegel<sup>10</sup>. Instaura, como que a “ordem natural”, uma espantosa dominação do homem sobre o homem (Dussel, 1977a, p.47). Dussel utilizando o pensamento de Sartre, contido nos livros *O Ser e o Nada: ensaio de Ontologia Fenomenológica* e *Crítica da razão dialética* mostra que a elite europeia dedicou-se a produzir uma elite indígena, selecionavam-se os adolescentes marcando-os na fronte com ferro em brasa os princípios da cultura ocidental. Eram introduzidas mordanças sonoras na boca, grandes palavras pastosas que aderiam aos dentes. Depois de uma estada na metrópole, eram enviados para seu país, falsificados (Dussel, 1977a, p. 263-264). Projeta na consciência do

---

<sup>7</sup>Conforme a filosofia dusseliana, o termo “Totalidade” faz alusão ao fechamento do Eu em si. Esse conceito também se apresenta relacionado à opressão e marginalização sofrida pelo Outro através da imposição de uma cultura “totalizante”, que busca ser o padrão para as demais (Enrique Dussel, **Oito ensaios sobre cultura latino-americana e libertação**, p. 131-132).

<sup>8</sup> “A dignidade da pessoa e os valores sociais do trabalho são severamente desrespeitados. A ética de Dussel parte da tomada de consciência ético crítica da “negatividade” das vítimas do sistema vigente, que se concretiza na negação da corporeidade expressa no sofrimento. Trata-se de superar a consciência ingênua e perceber que o sistema vigente deve ser criticado e transformado por produzir vítimas e, portanto, não desenvolver a vida” (Jucelaine Soares, **Tráfico de pessoas, a escravidão moderna: uma leitura a partir do pensamento de Enrique Dussel**, p.295).

<sup>9</sup>Para Dussel, no medievo o *ego* (Eu) é compreendido como relação para o Absoluto (Deus). A transcendência teológica ocasiona uma relação entre criador e criatura. Na modernidade – como Iluminismo – o homem deixa o vínculo com o Transcendente para começar uma relação monológica entre “Eu-Eu”. A incapacidade de “ir além” de si, faz o ser-humano tornar-se ateu e a se projetar (auto fetichismo) como Deus (Enrique Dussel, **Para uma ética da libertação latino-americana V**, 103-104).

<sup>10</sup> Ideia contrária à essência Absoluta, ficando o sujeito no sujeito.

dominador que asua cultura é a única, negando a cultura do Outro. A cultura do povo latino-americano começa a ser negada a partir das orientações da cultura do centro (Dussel, 1977a, p.264).

A modernidade, em termos resumidos, também pode ser considerada, nesse sentido, como um movimento imoral do homem europeu que, se considerando superior, natural e absoluto, justificou-se e legitimou na barbárie como agentes de morte, dominação, escravização e holocaustos. Isso sob um discurso do herói civilizador, aquele responsável por trazer a todos os “bons costumes” e o progresso que a ele interessava(Couto; Carrieri, 2018, p. 634).

O problema da exclusão do próximo está na falta de escuta, no ouvir a voz do Outro. Uma voz silenciosa que não diz palavras, mas que expressa de modo inefável asua condição de oprimido (Dussel, 1977a, p. 54). A compreensão do Outro exige “ir além” de si, transcender-se na manifesta exterioridade do próximo, estabelecer uma *práxis*, uma relação (Dussel, 1977a, p. 69). Para além do “eu penso” existe o “eu desejo” (*Ich wünsche*), ou seja, o influxo da pulsão de conservação do eu substitui o princípio de prazer pelo princípio da realidade. O “princípio do prazer” rege o âmbito inconsciente, horizonte do “eu desejo” e da rememoração do passado como tempo de autoerotismo, sem repressões (Dussel, 1977a, p. 78). A superação do Édipo-pedagógico realiza-se pela negação da mãe-cultura e pela aceitação e identificação do pai-Estado. O filho-povo, ao negar sua mãe-cultura popular, fica órfão à disposição do pai-Estado que se mascara atrás do rosto amigo e se mostra parecido com o preceptor (Dussel, 1977a, p. 173-176). Segundo Dussel, é por isso que *Emile est orphelin*<sup>11</sup> (Emílio é órfão), pois, deve cortar a relação com a mãe-cultura para poder ser educado pelo pai-Estado (Dussel, 1977a, p. 181-184).

A exterioridade histórica é o momento analético que não se explica pelo ser do sistema, mas pela realidade do Outro como outro. O conceito de exterioridade deve ser complementado como de “transcendentalidade interna” ao mesmo sistema como totalidade. A exterioridade manifesta-se no sistema como uma transcendentalidade que não fica definida pela totalidade, existe como um *plus*-trabalho que o sistema não só não pode absorver, mas que nega e reprime (Dussel, 1977b, p.116-118). O *ego cogito* assume a condição de *ego conquiro* e, como consequência, o esquecimento do próximo torna-se negação de sua condição humana, ou seja, o problema da exclusão do Outro não se encontra em não pensar no próximo, mas na

---

<sup>11</sup> Faz uma alusão à obra *Emílio* de Rousseau.

faltade empatia com a sua dor, em outras palavras, sabe-se que o outro existe<sup>12</sup> e que ele precisa de ajuda, mas ignoro-o (Dussel, 1995, p. 35-36).

Eu sou superior, logo, devo conquistar. Para Dussel, alguns homens se colocam na posição de deuses pensadores e outros de meros homens trabalhadores. Seja pela vontade de Deus, seja pela dominação e domesticação dos corpos humanos, é assim porque é. Logo, não há razão que coíba, para aqueles que são deuses, a violação ou a dominação dos corpos daqueles que trabalham, pois, estes são considerados um “não ser” ou meramente, seres exteriores à totalidade. A exterioridade é a segunda categoria – e diz respeito aos sujeitos que não se adequam à totalidade criada ou são excluídos desta. Na condição de exterioridade, a um corpo não necessariamente é atribuída a humanidade, e por isso, não há aplicabilidade de um fundamento moral comum. É nessa prática de conquista da periferia não humana, nascida de uma imoralidade que se deu a conquista da América Latina. O que Dussel visa, com a Filosofia da Libertação, não é à inclusão dos sujeitos na totalidade, mas ao rompimento dessa totalidade por aqueles que estão às margens (Couto; Carrieri, 2018, p. 634).

O indivíduo pode negar e oprimir o Outro e estar dentro das normas morais da sociedade, numa visão concreta: o homem que trabalha e possui um salário, não precisa ajudar um morador de rua, o “dinheiro é seu e dele faz o que quiser”, e isso se aplica em todas as esferas sociais. O que está por detrás dessa mentalidade é o esquecimento da carnalidade do Outro e da sua condição de ser humano. Se o Eu possui comida, casa, acesso à educação e assistência médica, não se preocupa com o Outro que não as tem. A principal causa desse esquecimento está na falta de *práxis* com o próximo, em querer conquistá-lo e não prestar auxílio (Dussel, 1993, p. 59-61).

Para Dussel, a alienação consiste no fato de tomar o “outro enquanto instrumento” (objeto prático), isto é, enquanto um ser que serve de mediação para a realização das vontades do outro, aniquilando a semelhança e a distinção. Assim, a alienação resulta de uma *práxis* de dominação, que é a afirmação de um projeto totalizador opressor e autoritário. Nessa perspectiva, o projeto dominante impõe seu horizonte de abrangência, utilizando e instrumentalizando a tudo e a todos em função de uma cultura individualista, intrínseca ao capitalismo. Para assegurar a realização desse projeto dominador seus interessados promovem diversos tipos de alienação: do trabalho, da cultura, a política, a religiosa, a educativa (Costa; Loureiro, 2017, p. 248).

Dentro de uma sociedade regida pelo *ego conquiro*, o que acontece é que o encobrimento do próximo também fica pautado pela máscara praxiológica: a ajuda ao Outro não acontece como motivo para a sua libertação, mas que o Eu tire, ou pelo menos tenha a

---

<sup>12</sup> Conforme o filósofo Karl Jaspers, a existência demanda da percepção fenomenológica, ou seja, o Outro (no caso alguém) só existirá quando for notada, relação perceptiva.

sensação, de tirar de si o julgo pensado da dominação. Doam-se moedasaos moradores de rua, por exemplo, não porque o Eu compreendeu a dor do Outro eescutou a sua voz inefável (voz que é expressa no *face a face* e não *me de dinheiro*), não fez a experiência de se colocar no lugar dele e não o quer retirar dali, o Eu faz o bem, para parecer ser bom: para que os outros o olhem como bondoso (Dussel,1993, p. 62-63).

É no âmbito político que a relação do *face a face*<sup>13</sup> alcança a última significação humana, entretanto, ela pode ser utilizada como perversa posição. A descoberta do *ego* europeu é o desvelamento da roupagem de “lobos, tigres e leões crudelíssimos, famintos”– definição lascasiana em análogo com a expressão deThomas Hobbes: “o homem é o lobo do homem”. Assim, é evidenciada a dimensão do“contrato social” que ocorre entre os indivíduos, não para o bem comum, mas para a própria sobrevivência dentro da onipotência dominadora imperial, guerreira, conquistadora e repressora do Eu, em outras palavras, num mundo onde todos são Eu(s)e ninguém se enxerga com Outro(s): é preferível um “acordo” (Dussel, 1977c, p.32-33).

### **A negação do outro em Hannah Arendt: o discurso populista e a ideologia banalizadora da condição humana**

Em análogo ao pensamento dusseliano, Hannah Arendt faz uma análise sobre o discurso totalitário e a ação prática da violência no contexto da Segunda Guerra Mundial na Alemanha nazista.A princípio, o discurso nazista estendeu seu alcance para a nação alemã, posteriormente, no intuito de atingir uma escala global para concretizar o domínio ideológico.

O discurso ideológico é exercido ao máximo para que não atinja somente pessoas capacitadas ou habilidosas com conhecimentos acadêmicos, mas que esteja presente de modo concreto em todas as camadas da sociedade, desde a classe mais alta até a classe mais baixa. É preciso ser popular, sendo popular é possível ser concreto e de fácil interpretação. O discurso para ser popular deve dirigir diretamente aos sentimentos, quanto mais próximo dos sentimentos estiver mais longe do intelecto estará. A demagogia inicia-se quando a inteligência é colocada de lado para que a população esteja submissa pelo entusiasmo fervoroso da manipulação da linguagem. Todo o espaço nacional torna-se um ambiente de discurso do líder, o ambiente fala à multidão. Grandes locais públicos são decorados com

---

<sup>13</sup>A expressão “*face-a-face*”é um conceito cunhado pelo filósofo Emmanuel Levinas. Significa a posição do Eu de estar diante do Outro, cara a cara (Levinas, **Totalidade e infinito: ensaio sobre a exterioridade**, p. 176-177).

estandarte e bandeiras atribuindo sempre uma linguagem verbal ou não verbal que transpareça a beleza do regime totalitário. Apesar dos olhos estarem atentos à quantidade de informações visuais dos locais públicos, a audição é uma das ferramentas indispensáveis para levar uma população ao seu fervor intenso. O discurso popular que consegue aplausos instiga cada vez mais o coletivo, transmitindo entusiasmo (Klemperer, 2009, p.105).

Assim, ouvi profissões de fé em Hitler vindas de duas camadas sociais, a intelectual e a popular, em duas épocas distintas, no começo e no fim. Em ambos os casos elas vinham do coração, de corações devotos, não eram somente da boca para fora. Além disso, estava e estou convencido, depois de fazer as devidas verificações, de que essas pessoas tinham o que se considera uma inteligência média, sem sombra de dúvida (Klemperer, 2009, p.183).

Em qualquer regime totalitário os indivíduos estão presos em seus próprios pensamentos. Arendt (2009, p.263), em seu conceito de massas<sup>14</sup>, expõe que as pessoas estão reprimidas no seu próprio pensamento por um órgão superior responsável por controlar as relações sociais (Estado totalitário). Dessa maneira, as pessoas estão privadas de fazerem uso da razão para expressarem aos demais os seus pensamentos. A filósofa exemplifica que perder esse direito transforma o cidadão em alguém sem identidade, sem profissão ou sem opinião, perdendo todo o significado em relação ao mundo, pelo fato de estar preso dentro de si mesmo não podendo se comunicar com a realidade.

Até mesmo o surgimento de governos totalitários é um fenômeno interno, e não externo, da civilização. O perigo é que uma civilização global, universalmente correlata, possa produzir bárbaros em seu próprio seio por forçar milhões de pessoas a condições que, a despeito de todas as aparências, são as condições da selvageria (Arendt, 2009, p.263).

No contexto nazista, as leis raciais de Nuremberg condicionaram os judeus como uma raça de indivíduos inferiores. Esse povo tornou-se um grupo excluído perdendo todos os seus direitos e sendo perseguidos durante anos. Paul Joseph Goebbels, ministro da propaganda da Alemanha nazista, estabeleceu no imaginário das pessoas a ideia de que os judeus eram um povo inferior, fazendo uso dos meios de comunicação da época. A propaganda contribuiu

---

<sup>14</sup>As massas não possuem um pensamento autônomo. Elas estão presentes em todas as camadas da sociedade aguardando um discurso persuasivo para serem atraídas por indivíduos que verbalizam suas ideologias. São grupos alienados que não fazem uso do exercício do pensar e lançam para o outro esse dever de exercer um pensamento próprio. Ao abraçarem uma determinada causa, elas defendem, com todas as suas forças, qualquer forma de ideologia que o sistema esteja propagando. É assim que a massa contribui para a permanência de um totalitarismo, pois ela interioriza para si o mesmo discurso, o mesmo pensamento.

significativamente para a disseminação das ideias raciais, defendendo a raça ariana; assim, a linguagem tornou-se para ele um instrumento de dominação, tortura e morte (Aquino et al., 1989, p.271).

Na obra *Eichmann em Jerusalém, um relato sobre a banalidade do mal*, de Arendt (1999, p.120-121), Otto Adolf Eichmann, em todo o seu julgamento, alega nunca ter causado a morte de um judeu. Todavia, é inegável sua contribuição com o holocausto, que matou milhões de judeus. Esse homem foi responsável por organizar a logística de deportações em massa dos semitas para os campos de concentração. A saber, não foram somente judeus, mas também negros, homossexuais, prisioneiros de guerras e outras pessoas praticantes de outras religiões. Durante seus interrogatórios, sempre afirmou estar seguindo apenas às ordens do seu superior, um cidadão alemão responsável e que vivia de acordo com as leis do seu país. Obedecer era uma virtude que sentia orgulho de exercer. “Os nazistas demonstraram que se pode levar todo um povo à guerra com o lema: de outra forma pereceremos” (Arendt, 2009, p.307-308). Em uma sociedade que aprisiona as pessoas em seu próprio pensamento, é fácil a manipulação para organizar as massas, assim, elas podem obedecer sem questionar e sentir prazer em exercer as vontades do seu líder. Eichmann é um homem sem condições de discorrer de forma lógica e sistemática sobre um determinado assunto do qual ele era interrogado. Suas frases eram fórmulas decoradas e não faziam sentido com as respostas descontextualizadas.

“Minha honra é minha lealdade”, frases de efeito que Eichmann chamava de “palavras aladas” e os juízes chamavam de “fala vazia” [...] Eichmann lembra só uma dessas frases, que ficava repetindo: “Estas batalhas as futuras gerações não terão mais de lutar”, referindo-se às “batalhas” contra as mulheres, crianças, velhos e outras “bocas inúteis”(Arendt, 1999, p.121).

Havia um espírito de competição entre departamentos responsáveis pela deportação dos judeus. Cada um deles trabalhava rigorosamente para exterminar o máximo possível de judeus, de modo que superem os outros departamentos (Arendt, 1999, p.85). A competitividade não era diretamente ligada ao prazer em matar os semitas, mas sim, em demonstrar grande eficiência ao seu líder, chamar atenção dos demais com a determinação de satisfazer às vontades dos superiores, transformando-se em indivíduos que personificam a imagem daquele que eles seguem.

Portanto, os alemães durante a Segunda Guerra Mundial não eram somente conhecidos pelas cores das bandeiras ou uniformes. Eram conhecidos pelo modo como se apresentavam.

Cada cidadão alemão, adepto do pensamento totalitário, era porta voz da disseminação ideológica de Hitler. A população conhecia-opela maneira de agir e falar, com discurso eloquente, que defendia a superioridade da raça alemã, juntamente com toda a cultura de dominação que desenvolveu. Por isso, os nazistas ficaram conhecidos na história, não porque foram ótimos estrategistas de guerra, mas pelo modo como se revestiram de uma ideologia e quiseram com todas as forças e crenças impor suas compreensões de mundo sobre outros povos.

Ao agir e ao falar, os homens mostram quem são, revelam ativamente suas identidades pessoais únicas, e assim fazem seu aparecimento no mundo humano, enquanto suas identidades físicas aparecem, sem qualquer atividade própria, na conformação singular do corpo e no som singular da voz (Arendt, 2013, p.224).

Ernst Jünger<sup>15</sup> (2002, p.6) comenta a ideia de *mobilização total*<sup>16</sup>, um conceito que abrange toda a vida civil, social e cultural que estava inserida no momento de violência e dominação. A *mobilização total* desperta uma reflexão sobre o que o poder (conceito comum) e a ordem são capazes de controlar em uma sociedade dominada pelo totalitarismo. A extensão do domínio avança para todas as camadas sociais, atingindo todos os indivíduos para que se tornem uma única mão de obra disposta a contribuir com a fabricação bélica. Apresenta também o conceito de armação bélica. Esse conceito fornece alguns significados que são compreendidos de acordo com o contexto no qual é comunicado. Por exemplo, pode-se referir a uma armação da armadura do corpo utilizada por soldados medievais durante as cruzadas, cavaleiros templários e ordens militares islâmicas ou no século atual, como coletes a prova de bala. Relaciona-se também com os mecanismos utilizados para desenvolver técnicas que fortifiquem as armações, quais sejam: suportes que podem locomover, levantar, quebrar ou encaixar peças. Dos exemplos utilizados, o pensador incrementa com mais significação para suas ideias as armações técnicas para a produção bélica que, estrutura ideologicamente mecanismos de domínio que fundamentam e propagam uma mobilização. Assim, as armações ideológicas de sentidos abstratos se relacionam com as ideias dentro dos raciocínios e das propriedades de domínios.

<sup>15</sup>Soldado alemão da Primeira Guerra Mundial, também escritor e pensador.

<sup>16</sup>Essa mobilização corresponde na atuação bélica que envolve toda a sociedade com suas diversas camadas sociais na produção de objetos de armamento. Propriamente dito, inclui-se a totalidade das fábricas e trabalhadores que são inseridos nesse contexto de desenvolvimento e manutenção dos equipamentos necessários para alimentar a máquina de guerra. Desse modo, a produção de armas, aeronaves, tanques e alimentos direcionados ao consumo dos soldados, tornam-se parte integrante e fulcral de toda a produção industrial do país. Esse seu posicionamento de pensamento está inserido no contexto da Primeira Guerra Mundial.

Assim: também a imagem da guerra como um negócio armado, cada vez mais, deságua na imagem amplificada de um gigantesco processo de trabalho. Ao lado dos exércitos que se entrecrocavam nos campos de batalha, surgem os novos tipos de exército: o do trânsito, o da alimentação, o da indústria armamentista – o exército do trabalho em geral. [...] é preciso uma armação até a medula, até o mais fino nervo da vida. Realizá-la é a tarefa da mobilização total, de uma ação através da qual a rede elétrica da vida moderna, amplamente ramificada e cheia de dutos, é canalizada, por meio de uma única chave na caixa de luz, para a corrente da energia bélica (Jünger, 2002, p.7-8).

Nas guerras do século XX estes fenômenos se manifestaram em vários momentos, como por exemplo, na Batalha de Stalingrado. O grande império alemão necessitava de matéria prima para alimentar sua máquina bélica, sendo assim, buscava espaços para aprimorar essas matérias e transformá-las em equipamentos de guerra. Novos espaços geográficos deveriam ser conquistados para que a expansão de novos territórios possibilitasse a ampliação de pontos estratégicos de dominação.

Os responsáveis pela guerra não medem esforços quando o assunto é mobilizar toda uma nação em torno do conflito. A generalização é, de fato, radical, pois envolve a totalidade de um povo com habilidades distintas para contribuir com a indústria bélica. Um artesão nessa indústria recebe um novo emprego, antes possuía o trabalho de produzir roupas para sua família ou para outras famílias. A partir da *mobilização total*, essas pessoas confeccionam roupas para que homens estejam adequados em seus uniformes para mancharem de sangue outros uniformes.

A ideologia pode ser obtida como um dos instrumentos mais importantes para a prática da violência e negação do Outro. O que realmente esses líderes exerciam em grande escala era alimentar o seu vigor, assim, o termo podervem a ser substituído adequadamente por vigor. Esses homens sustentavam o cabedal de violência utilizando instrumentos para impor a manipulação e domínio territorial e ideológico. As armas de guerra consistiam em homens, aviões, tanques, e as indústrias produtoras de armamentos. O autoritarismo era mantido pelo respeito dos civis e militares, que depositavam suas confianças na ordem e na ideologia daquele que seguiam (Adolf Hitler).

## Conclusão

A análise realizada neste trabalho aponta a interligação entre o *ego* cartesiano (compreendido como visão individualista, característica da modernidade), à negação do Outro

e suas consequências. Enrique Dussel e Hannah Arendt oferecem perspectivas filosóficas para compreender essa negação do próximo, que pode levar a atos extremos de violência e exclusão.

A negação do próximo acontece por meio de uma *práxis* de opressão que compreende como “não-ser” o bárbaro, aquele que difere do Eu. O Outro torna-se objeto, é coisificado quando o *ego cogito* passa para o “eu conquisto” (*ego conquiro*), saindo do abstrato para o concreto. O Eu, ao não aceitar o próximo e perceber nele *odevir*, cria uma “máscara” sobre o “rostro” do Outro, o compreendendo como um objeto. A coisificação do próximo – dentro do sistema vigente de totalidade, que legitima a opressão e marginalização – estabelece a “leipelalei”, esquecendo que ela foi feita para o homem e não o contrário. Sendo assim, o Outro que não possui casa, alimento e condições mínimas é ignorado pelo *ego* que as têm. Não é necessário ajudar o próximo com o salário do Eu, se ele trabalhou para possuir, deve fazer o que quiser.

Atrelado ao modo de pensar capitalista e o pensamento cartesiano, pode-se anunciar o “Mito da Modernidade” que, ao invés de aceitar o Outro e buscar através da relação de diálogo compreendê-lo, quer “padronizar” o homem não europeu. Desse modo, ocorre o “encobrimento” do “não-Ser”, por exemplo, os povos nativos-ameríndios, que são vistos como inferiores pelos colonizadores, por possuírem um *ethos* e um *modus vivendi* diferente.

A reflexão nos permitiu ressaltar como, muitas vezes, o pensamento egocêntrico se fecha em si, ignorando a humanidade do próximo. A máxima “penso, logo existo” revela-se, frequentemente, como penso em mim, logo ignoro o outro. Dussel destaca a importância de transcender essa totalização do ego, reconhecendo a dignidade do próximo e superando a visão de inferioridade.

Pensar sobre a Filosofia na América Latina é refletir sobre um outro lado da história que, de modo geral, é omitido nas escolas e universidades. Nos dois últimos séculos (XX e XXI) o despertar para a reflexão sobre o “decolonialismo”: estudo da colonização visto pelo âmbito latino-americano e tentativa de sistematização de uma reflexão autônoma e original, tornou-se uma das principais pautas, pois, mais do que estudar sobre fatos e ideias, o pensamento da realidade que estamos inseridos, mostra a nossa identidade e, ademais, nos faz ter a percepção de quem somos, e dos problemas filosóficos concretos que deparamos no cotidiano, como a pobreza, marginalização e preconceito.

O conceito de *banalidade do mal*, apresentado por Hannah Arendt, evidencia como indivíduos podem se envolver em atos cruéis, justificando que estavam apenas cumprindo ordens, sem uma reflexão crítica sobre suas ações.

Arendt, ao relatar sobre a banalidade do mal, estava presente no julgamento de Adolf Eichmann, na cidade de Jerusalém. Este homem seguia as ordens do governo sem questionar, não demonstrava resistência ou repulsa pelo trabalho executado. A forte característica do regime totalitário é a obediência que promove um efetivo exercício contra o uso da razão, resultando em uma negação da própria ação humana. Eichmann, durante seu trabalho, chegou a ver os corpos dos judeus que estavam sendo exterminados nos campos de concentração, acreditava que estava apenas realizando seu trabalho e não sentia responsabilidade pelas ações que causavam as mortes. Arendt defende que no ceio de uma civilização podem surgir pessoas com capacidades destruidoras, é possível que esse fenômeno interno ocorra na sociedade democrática. O tema sobre totalitarismo alerta qualquer sociedade para que as amarras da dominação ideológica não entrelacem as relações humanas, pois o ambiente de dominação busca extinguir a diversidade e centraliza a cultura na raiz ideológica do governo totalitário. Por isso, conhecer a si mesmo e respeitar o outro promove riqueza cultural e pluralidade (pensamentos e vivências). O indivíduo na sociedade deve estar atento aos perigos da banalidade, para que a importância de pensar criticamente afaste as ideologias promotoras da violência e da manipulação.

Ao conhecer o verdadeiro “rosto” do próximo, marcado pelas rugas da opressão e pelas marcas do sofrimento, ao “ouvir” a sua voz inefável de libertação, consegue-se retirar a “máscara” hegemônica imposta pelo Eu e, assim, estabelecer uma relação onde o *ego* e o *alter* formam o “nós”. A *face* do próximo, ao estar em contato com a *face* do Eu, gera uma “fusão de horizontes”, o mundo da vida abre-se a exterioridade e *omitsein*<sup>17</sup> aparece como sentido de vivência, ou seja, no “face-a-face” compreende-se o Outro como alguém “distinto” e não como “diferente” do Eu. O homem caracterizado pelo *ego* e o próximo como “algo” perde o sentido “analético-ontológico”, isto é, não consegue ter compaixão do Outro, pois, nega que ele seja “alguém”.

Conhecer o *alter* conforme ele se apresenta, enxergá-lo sem os prejuízos (máscaras), faz com que ocorra um verdadeiro encontro com o Outro, por uma relação

---

<sup>17</sup> “Segundo Heidegger, ser-com (*Mitsein*) é uma determinação própria do *Dasein*. Com essa definição sequer dizer que essa relação entre o *Dasein* e os outros se dá como única possibilidade, pois o modo deser-no-mundo da presença é estar circundado por entes co-presentes” (Oliveira, 2012, p. 24).

“dialógica”, aberta ao Outro. O “Eu” e o “Tu” (Outro) se tornam “Nós”, quando se possui uma ação relacional, ou seja, mais do que ajudar o próximo, deve-se amá-lo. Deve-se compreender a fome e a dor no vínculo do “*face-a-face*” com o próximo, de colocar-se no seu lugar e – por mais que o Outro possa ter cometido erros – estar ao seu lado. O “não-ao-Outro” só acontece porque no “sim-ao-Eu” existe uma falta de empatia.

Tanto Enrique Dussel quanto Hannah Arendt enfatizam a necessidade de superar preconceitos e estereótipos em relação ao Outro. Argumentam que é essencial transcender às concepções do Eu e fazer um esforço real para entender a perspectiva e a humanidade do próximo, a fim de evitar a violência e a exclusão.

Pesquisar sobre o Outro – que se encontra em uma situação excludente de sua condição humana – justifica-se ao perceber os rumos que a sociedade caminha através da indiferença para com o próximo: no âmbito do Eu, existe a falta de sentido comunitário, que o leva para o niilismo existencial, pois, o homem se constitui através da relação com o seu semelhante e, como consequência, a falta de alteridade resulta em uma sociedade formada de aparências (máscaras sociais) à procura de uma busca desentido.

## Referências

AQUINO, R. S. L et al. **História das sociedades**: das sociedades modernas às sociedades atuais. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1989.

ARENDRT, H. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

ARENDRT, H. **Eichmann em Jerusalém, um relato sobre a banalidade do mal**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

ARENDRT, H. **Origens do totalitarismo**. São Paulo: Verba Editorial, 2009.

COSTA, C. A.; LOUREIRO, C. F. “O alcance teórico das categorias ‘exclusão e libertação’ para a questão ambiental: uma leitura ancorada em Dussel e Freire”. **Educação Temática Digital**, Campinas, n. 01, 2017, p. 234-257.

COUTO, F. F.; CARRIERI, A. P. “Enrique Dussel e a Filosofia da Libertação nos Estudos Organizacionais”. **EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, n. 04, 2018, p. 631-641.

DUSSEL, E. D. **1492: o encobrimento do Outro: a origem do “mito da Modernidade”**. Petrópolis: Vozes, 1993.

DUSSEL, E. **Introducción a la Filosofía de la Liberación: ensayos preliminares y bibliografía**. Bogotá: Nueva América, 1995.

DUSSEL, E. **Método para uma Filosofia da Libertação**: superação analética da dialética hegeliana. São Paulo: Loyola, 1986.

DUSSEL, E. **Oito ensaios sobre cultura latino-americana e libertação**. São Paulo: Paulinas, 1997.

DUSSEL, E. **Para uma ética da libertação latino-americana II**: eticidade e moralidade. São Paulo: Loyola, 1977a.

DUSSEL, E. **Para uma ética da libertação latino-americana IV**: política. São Paulo: Loyola, 1977b.

DUSSEL, E. **Para uma ética da libertação latino-americana V**: uma filosofia da religião antifetichista. São Paulo: Loyola, 1977c.

JUNGER, E. “Mobilização total”. **Natureza humana**. São Paulo, n. 1, 2002, p. 189-216.

KLEMPERER, V. **LTI**: a linguagem do terceiro reich. Rio de Janeiro: Contraponto, 2009.

LEVINAS, E. **Totalidade e infinito**: ensaio sobre a exterioridade. Lisboa: Edições 70, 1980.

OLIVEIRA, H. M. “A Filosofia da Libertação como desmitologização a modernidade”. **Kínesis**, Marília, n. 02, 2009, p. 90-104.

OLIVEIRA, L. E. C. **O *Mitsein* e as perspectivas decisórias da autenticidade segundo a Analítica Existencial**: ponderações ontológicas para além dos limites éticos e políticos do Ser-com. Natal, Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2012.

SOARES, J. A. “Tráfico de pessoas, a escravidão moderna: uma leitura a partir do pensamento de Henrique Dussel”. **Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, Brasília, n. 39, 2012, p. 293-297.